

# ENFRENTAMENTOS DE VIOLÊNCIAS:

ALGUMAS ESTRATÉGIAS DE CONHECIMENTO,  
DE CORPOS, TERRITÓRIOS E HOSPITALIDADES

Organização:

Anita Guazzelli Bernardes

Camilla Fernandes Marques

Neuza Maria de Fátima Guareschi

Gloria Baigorrotegui

Jorge Castillo-Sepúlveda

Josemar de Campos Maciel



ABRAPSO EDITORA

# **ENFRENTAMENTOS DE VIOLÊNCIAS:**

ALGUMAS ESTRATÉGIAS DE CONHECIMENTO,  
DE CORPOS, TERRITÓRIOS E HOSPITALIDADES

Organizadoras

Anita Guazzelli Bernardes  
Camilla Fernandes Marques  
Neuza Maria de Fátima Guareschi  
Glória Baigorrotegui  
Jorge Castillo Sepúlveda  
Josemar de Campo Maciel



**ABRAPSO EDITORA**

Florianópolis

2022

Financiamento



Apoio



Projeto gráfico - Arnoldo Bublitz  
Design de capa - José Sarmento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Enfrentamentos de violências [livro eletrônico] :  
algumas estratégias de conhecimento, de corpos,  
territórios e hospitalidades / organização  
Anita Guazzelli Bernardes...[et al.]. --  
1. ed. -- Florianópolis, SC : ABRAPSO Editora,  
2022.  
PDF.

Outros organizadores: Camilla Fernandes  
Marques, Neuza Maria de Fátima Guareschi, Glória  
Baigorrotegui, Jorge Castilho Sepúlveda, Josemar de  
Campo Maciel.

Bibliografia.  
ISBN 978-65-88473-18-4

1. Cidadania 2. Colonialidade 3. Diversidade  
social 4. Inclusão social 5. Movimentos sociais  
6. Resistência à opressão 7. Territorialidade  
8. Violência - Aspectos sociais I. Bernardes,  
Anita Guazzelli. II. Marques, Camilla Fernandes.  
III. Guareschi, Neuza Maria de Fátima.  
IV. Baigorrotegui, Glória. V. Sepúlveda, Jorge  
Castilho. VI. Maciel, Josemar de Campos.

22-135310

CDD-303.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Violência : Sociologia 303.6

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

# **CIDADE-QUEER:**

## **CORPOS DISSIDENTES PRODUZINDO NOVAS TERRITORIALIDADES**

*Carolina dos Reis*

*Luis Henrique da Silva Souza*

*Jacinta Antonioli Testa*

*Aline da Silveira Muniz*

Tenho um corpo. Existo porque é a partir dele que capto os indícios que a realidade me bombardeia (Deleuze, 2017). Decodifico tudo que ele me manda, percepções, ruídos, sabores, gestos, afetos e palavras. É pelo corpo, por e com ele que experiencio o que é ser, estar e pertencer a certos espaços, mas é também por e com ele que sou capaz de criar, desestabilizar e passar por territórios. Sobre ele se inscrevem cotidianamente tecnologias de controle que buscam fixá-lo em algum lugar dentro ou fora dos parâmetros da curvatura do normal. Certa feita um filósofo disse que o corpo é o lugar ao qual estamos condenados, prisão irremediável, disse que seria contra o corpo e como que para apagá-lo que se faria nascer todas as utopias. Falou isso, só para na sequência admitir que estava enganado e reconhecer que nosso corpo é ele mesmo o ator principal de todas as utopias. Segundo ele, as máscaras, tatuagens, maquiagens, e personagens que assumimos são operações que lançam nosso corpo em um lugar outro, para além de si mesmo (Foucault, 2013). Tenho a impressão que vivo minha relação com meu corpo assim, como esse duplo espaço de aprisionamento e liberdade. É por meio dele que experiencio meus limites, mas também vivo exercícios de libertação. Com meu corpo performo uma multiplicidade de modos de existir, desconhecidos e incapturáveis pelos velhos mecanismos disciplinares. Meu corpo é uma via de contato, presença inevitável e rota de fuga. Meu corpo me guia.

Sabe aquela sensação de virar numa esquina e presentir que talvez você não pertence àquele lugar? Ter a necessidade de apressar o passo, cruzar os braços, se encolher, torcer pra ser invisível e aí... você vira a esquina e sente que está seguro novamente, que ali seu corpo pode existir. São vários os fatores que podem colocar o corpo em risco, mas essa sensação de proteção ou de estar seguro ali nada tem

a ver com uma segurança policalesca – pois para certos corpos esta é um risco também. Às vezes nós nos jogamos no risco, abraçamos nossa vulnerabilidade e vamos à luta. Colocamos nosso corpo no campo de batalha. Alguns corpos caem, outros resistem, alguns estão em lugares bem estratégicos. Às vezes vamos sozinhos à luta, mas na maioria delas estamos acompanhados de corpos irmãos.

Frente aos territórios que eram nossos e foram retirados, lutamos por reterritorialização. Frente a outros que nunca nos pertenceram, fazemos dos nossos corpos presença incômoda, insurgente, insubordinada. Alguns territórios, construímos para receber nossos iguais, corpos em aliança pela construção de mundos outros, já que esse restringe nossas possibilidades de ser.

Não posso também esquecer de dizer que nesse corpo muitos habitam, memórias vivas, outras vidas, outros corpos, outros eus, ideias, sonhos e potência. São com esses atributos que recorro à minha sobrevivência enquanto caminho entre os diferentes territórios que existem na urbe, uma vez que nela é engendrada diferentes formas de aniquilamentos. Por isso que reitero que meu corpo precisa ter em si muitos mecanismos e tecnologias que vou inventando para saber por onde andar e, quando cair em um território que não é hospitaleiro, poder sair de lá com vida.

Foi no final de 2020 que foi inaugurada a delegacia de polícia especializada no “combate à intolerância” aqui em Porto Alegre/RS. Dentre os crimes que se entende que têm como alvo corpos como os nossos, intolerados, intoleráveis, estão aqueles ligados a racismo, homofobia e injúria qualificada. Ainda assim, no ano de 2021, enquanto cresciam os registros do número de ataques à população LGBTQIA+ no país, no Rio Grande do Sul esses números eram inexistentes. Não, a violência nunca foi inexistente, simplesmente aqui os crimes não eram registrados como crimes ligados à homofobia. Foi preciso a criação de uma delegacia especializada, não somente para que esses crimes passassem a ser registrados, mas para diminuir o risco de sermos revitimizados ao registrar ocorrência sobre as violências cometidas contra nossos corpos. Essas não são violências individuais, elas se individualizam quando rompem nossa carne uma a uma, mas a agressão recai sobre todos. Elas mantêm viva a sensação de que estamos sempre diante da possibilidade de ser agredidos nesta ou na próxima esquina.

Tem algo na própria produção da estereotípia heteronormativa que, ao demarcar, desumaniza e articula nossos corpos não mais à ordem do privado, mas ao campo público, corpos públicos, dispostos a serem alvos da curiosidade, do espanto ou da violência (Morais et al., 2021). Ouvi dizer que morrem mais LGBTQIA+ no território brasileiro – assassinados, torturados, vítimas de depressão e de condições de vida precárias – do que em países onde a homossexualidade é punida com a morte (Grupo Gay da Bahia [GGB], 2016). Ao que parece, somos também o país que registra o maior número de mortes de pessoas *trans* no mundo

(Grupo Gay da Bahia [GGB], 2021; Wareham, 2019). Por aqui é também difícil identificar os rostos de nossos agressores, eles assumem diferentes formas, cores e idades; crianças e idosos não ficam de fora de suas faces possíveis. Podem se manifestar no meio da noite, em um final de tarde ou em plena luz do dia. Suas armas são igualmente múltiplas: socos<sup>1</sup>, pontapés<sup>1</sup>, revólveres<sup>2</sup>, facas<sup>3</sup>, facões<sup>4</sup>, canos de concreto<sup>4</sup>, pedaços de pau<sup>4</sup>, garrafas de vidro<sup>5</sup>, gestos<sup>6</sup>, palavras<sup>7</sup>, olhares<sup>8</sup>. Qualquer ferramenta mortífera pode estar a serviço da heteronorma. A verdade é que o que nos assusta é dar de cara com a norma cada vez que dobramos a esquina ou com corpos que a encarnam com facilidade, que lhe dão abrigo, lhe alimentam, que se esforçam para fazer dela um suposto natural e universal e que se colocam a serviço dela (Galuppo, 2019).

Esses dias andava distraída por uma rua do centro da cidade quando percebi o movimento de duas mãos se soltando só por um instante, para permitir que meu corpo passasse entre elas, para logo se reencontrarem na sequência. Movimento coordenado de corpos que adquirem intimidade ao transitar emaranhados pelas ruas da cidade. As duas jovens seguiam seu caminho atentas uma à outra, imersas no diálogo que travavam entre si, os olhares atentos e as mãos dadas com leveza acompanhavam as passadas de seus corpos enamorados. Aquela é a mesma rua em que, há dez anos, depois de longas discussões e de muitos acordos, convenci minha namorada a andar comigo de mãos dadas. Para mim se tratava de um gesto carinhoso, mas também de uma ação política. Ela já estava cansada de sofrer violência nas ruas e queria que nossos afetos pudessem ser vividos só como carinho e nada mais. De toda forma, depois de aceitar o desafio, sempre que saíamos, andávamos com as mãos bem apertadas. A cada gesto, olhar ou palavra violenta que encontrávamos, segurávamos uma à outra com mais força. Ação que se multiplicava rapidamente nas quatro quadras residenciais que perfazem o caminho de sua casa até a orla do rio Guaíba. As ofensas vinham não somente de homens *cis*, que se sentiam de alguma forma trocados por uma mulher, mas também das senhorinhas sentadas a tomar sol na frente de casa, que achavam desnecessária

- 1 <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/02/01/mae-relata-homofobia-contra-jovem-lesbica-em-bar-de-sp.htm>.
- 2 <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/06/policia-investiga-homofobia-em-morte-de-travesti-tiros-em-porto-alegre.html>.
- 3 <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/04/25/justica-condena-ambulante-por-matar-mulher-trans-a-facadas-apos-encontro-e-joga-la-do-7o-andar-de-predio-no-centro-de-sp.ghtml>.
- 4 <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/08/31/homofobia-espantamento-goias-agresao-lesbiofobia.htm>.
- 5 <https://ponte.org/jovem-gay-e-agredido-com-garrafada-no-pescoco-em-festa-no-litoral-paulista/>.
- 6 <https://www.hojeemdia.com.br/minas/preconceito-de-genero-tambem-se-manifesta-por-meio-de-gesto-e-piadas-1.563133>.
- 7 <https://www.brasil247.com/regionais/brasil/no-df-lesbicas-ouvem-voces-tem-que-morrer>.
- 8 <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/policia-investiga-caso-de-lgbtqfobia-contra-casal-de-lesbicas-agredido-por-se-abracar>.

aquela exposição promíscua; vinham até mesmo da família tradicional gaúcha, preocupada em defender seus filhos da cena brutal. Não era incomum chegarmos com as mãos molhadas de suor em casa, fruto do nervosismo, mistura de medo e euforia. Chegar em casa e ter sobrevivido ao gesto nos fazia transbordar alívio e coragem. A simplicidade da cena composta pelas mãos que me atravessaram naquele dia me fez sorrir, por saber que elas hoje encontram olhares muito diferentes daqueles. Acalento-me com o pensamento de que talvez nossas mãos suadas tenham contribuído para fazer isso possível. Uma desobediência *queer* do passado que se presentifica naqueles corpos desavisados. Quantos terão me antecedido e que ruas teriam encontrado? Teremos por fim conseguido fazer daquelas quadras um território *queer*?

Esses tempos, li um texto sobre a presença de corpos *queer* na cidade que dizia

Esse agir como homem ou mulher, como se isso fosse uma realidade interna ou um fato sobre nós é um fenômeno produzido e reproduzido, atualizado a todo momento. Apanhar ou morrer pelo gesto diz muito de um enquadramento, de um repertório de imagens produzido e atualizado pela norma que faz de nós expectativas ambulantes... Então, para além de corpos-imagens, somos também coreografias que passeiam diante dos olhos da normatividade que, talvez ironicamente, nos achem “performáticos” demais. Em uma dança contemporânea afastada demais da realidade conhecida ou de uma imaginação precária, será mais fácil enxergar isso como feio, bizarro ou monstruoso. Mais fácil dizer, como sempre dizem, “podem até ser, mas não precisam mostrar” ou “precisa requebrar tanto?”. (Galuppo, 2019, p. 32)

Mostrar-se, fazer ver, se aparecer... meu corpo é essa visibilidade insurgente que insiste em não permanecer silenciada contra essa engrenagem de invisibilização. O texto esse dizia ainda:

Quando nós, pessoas *queer*, precisamos fugir, para onde corremos? Não há muito para onde fugir quando a norma impregna todo e qualquer canto do mundo. Fugimos para dentro, fugimos para o colo de algum par que, como nós, também está em fuga e se temos a sorte de termos uma família que nos aceita e nos ama, fugimos para casa, mas em geral, na maioria das vezes, fugimos para a rua. A mesma rua que nos apedreja, nos insulta e nos mata. Fugimos para a cova dos leões e dispostos ou não a lutar, nos apresentamos já que, além de fugir, estamos também à procura de reconhecimento. Queremos que nos vejam! Que nos enxerguem! (Galuppo, 2019, p. 70)

O que seria então produzir uma cidade *queer*? Acho que a primeira vez que ouvi esse termo, *queer*, foi no início dos anos 2000, quando comecei a ler teóricas feministas brasileiras. Elas importavam o termo de autoras estadunidenses, di-

ziam que se tratava de uma subversão que havia sido provocada pelo movimento LGBTQIA+ de uma expressão que era usada para nos descrever e fixar em um lugar de abjeção. *Queer* não queria dizer nada especificamente, mas situar fora da norma, marcar a excentricidade, estranhice, exotividade, a peculiaridade de um sujeito. Dizia da presença em alguém de algo complexo demais para ser descrito de forma minimamente precisa pelas palavras disponíveis no vocabulário norte-americano. Poderia ser nomeado, assim, como *queer*, todo e qualquer corpo que estivesse situado fora da heteronorma. Uma vez que a esta última estavam reservados todos os espaços legítimos, a marca *queer* significava o lugar da vergonha, de algo que deve ser escondido.

No entanto, na década de 80, os movimentos sociais, em especial aqueles ligados à luta contra o HIV, passaram a se autoafirmar enquanto *queer*, marcando um lugar intencional de ruptura com a norma, de não enquadramento nas instituições heteronormativas, de não aceitação da ficção dominante do corpo branco heterossexual. Assim, o termo passou a representar um movimento de libertação das expressões de gênero e das sexualidades dissidentes (Preciado, 2018). Lembro de uma palestra dada por uma dessas feministas norte-americanas aqui mesmo no Brasil na qual ela dizia que mais do que uma expressão identitária, *queer* se trataria de um movimento de aliança contra as diversas formas de precariedade que afetam as pessoas no mundo contemporâneo. Para ela, não se trata somente de um movimento de enfrentamento à homofobia, misoginia e ao sexismo, mas igualmente de enfrentamento ao racismo, às desigualdades econômicas, de acesso a bens culturais e políticos. Uma prática de afirmação das diferenças, da possibilidade de vivermos juntos em meio às diferenças. Trata-se sobretudo da possibilidade de viver na diferença, livres do risco das violências e opressões. Sendo assim, essa aliança não pode significar a construção de uma unidade indiferenciada, como se todas as expressões de gênero e sexualidades dissidentes fossem vividas da mesma forma ou enfrentassem os mesmos desafios; ao contrário, ela se fortalece por ser forjada na diferença, entre aliados com os quais nos identificamos, mas igualmente com aqueles improváveis, até mesmo difíceis de compor, que, no entanto, compartilham do imperativo político de que é possível vivermos com solidariedade, mesmo em meio às disputas e aos conflitos. Para a pensadora, a vulnerabilidade pode ser uma pista deixada pelos movimentos *queer* sobre como resistir às opressões de gênero (Butler, 2017, 2019).

Ao evocar a possibilidade de afirmar uma cidade *queer*, o faço para reconhecer o quanto a própria produção da cidade volta-se para um certo corpo dominante, este que é hetero-branco-masculino. É dessa relação entre corpo e cidade que monto essa história. Desta tensão surge a necessidade de forjar uma cidade *queer*, inspirada nos movimentos protagonizados por esses corpos marcados pela heteronorma com a insígnia da vergonha, que ao recusar a invisibilidade são expostos



ao lugar da vulnerabilidade. Interessa-me aqui marcar em especial a forma como o movimento *queer* vai fazer esse deslocamento de tomar a vulnerabilidade não como lugar associado diretamente à vitimização, mas como lugar de potência (Butler, 2017). Isto é, extrair da euforia de nossas mãos suadas o que elas evocam enquanto ato de resistência nas ruas da cidade. Entender que a exposição à vulnerabilidade, fruto da escolha de passearmos juntos pela rua, pode representar fragilidade, mas também força, pois tem a potencialidade de inaugurar novas relações com o espaço urbano.

A feminista esta dizia, ainda, que caminhar pela rua, segundo nosso próprio gênero, orgulhosos da forma como amamos, simplesmente por acreditarmos no direito de fazê-lo, não é algo que possamos tomar levemente como um direito adquirido à mobilidade. Ao falar na necessidade de uma cidade *queer* marco o fato de que esse simples gesto de caminhar pela rua não é um exercício seguro para aqueles que podem se tornar alvo de violência a partir da percepção de seu gênero, sexualidade e/ou raça. Isto porque nossos corpos não existem sozinhos, mas estão tramados em uma rede com outros corpos e com as condições políticas, econômicas, culturais, tecnológicas, infraestruturais que lhes garantem ou restringem as possibilidades de ir e vir livres de opressões. A vulnerabilidade não seria, portanto, algo da ordem individual, mas se encontra nos nós dessa rede de relações sociais e materiais em que vivemos (Butler, 2017).

Meu corpo não anda sozinho, alheio à cidade, é por meio dele que eu a experiencio, sempre numa relação de acoplamento com ela. É o corpo o que me une ao chão da rua, aos pedestres da calçada, à fumaça dos carros parados no engarrafamento. A calçada em que eu piso é a que empurra minhas passadas, que dita meu ritmo, que me impõe obstáculos. Os encontros nas ruas, os escritos nos muros, as colagens nos postes tomam de assalto o meu pensamento. Cheiros e ruídos me invadem, provocam desejos, temores, repulsas, evocam memórias. A cidade também tem um corpo que existe indissociado ao meu e aos demais que a habitam. Nossos corpos, tramados nesse corpo-cidade, produzem as territorialidades por onde passam e são produzidos por elas. Lembro de uma feminista argentina que dizia que “é impossível recortar e isolar o corpo individual do corpo coletivo, o corpo humano do território e da paisagem” (Gago, 2020, p. 107). Por isso ela tem usado as palavras corpo-território de forma compactada, como palavra única, para dizer que o corpo não é uma propriedade individual, mas uma continuidade política, produtiva e epistêmica do território. Como diz Eduardo de Oliveira Miranda (2020), um educador brasileiro: “comecei a perceber que o olho vê o mundo, mas é o corpo-território que olha o mundo, que sente o outro, que se atravessa das experiências, que rasura as nossas certezas, fervilha a nossa imaginação” (p. 27).

Assim, pensar a vulnerabilidade como força de resistência movida por corpos *queer* em aliança nas ruas de Porto Alegre é olhar para a forma como esse

corpo-cidade é produzido cotidianamente. Porto Alegre foi a primeira cidade do Brasil a ter reconhecida uma relação homoafetiva como união estável. Foi a segunda cidade do país a sediar a parada *gay*. No entanto, foi também a cidade que teve a exposição do Santander Cultural Queermuseu encerrada precocemente por protestos moralistas. O bairro Cidade Baixa, que foi palco das lutas dos movimentos LGBTQIA+<sup>9</sup> desde a década de 90, onde se localizam a maior parte dos bares *gays*, espaço divulgado como *gay friendly* pelas estratégias de *marketing* do setor turístico, não é isento ainda hoje de violências homofóbicas<sup>10</sup>, em especial violências transfóbicas<sup>11</sup>.

Como em outras capitais do país, o planejamento urbano de Porto Alegre assume características fragmentárias, classistas, racistas, misóginas, opera por meio da disposição dos recursos e dos espaços de forma a evitar as misturas e privilegiar encontros entre iguais. Os corpos *queer*, ao marcarem presença e garantir sua visibilidade nas ruas da cidade, são capazes de subverter esse ordenamento, romper com a obviedade do traçado urbano, propor novos arranjos. Os corpos *trans*, que rompem com a binaridade de gênero e marcam a possibilidade de um corpo-devir, corpo-trânsito, corpo-em-obra ao resistirem às capturas (Carneiro & Paraíso, 2017) e ao se situarem no não lugar, lugar por excelência da ética *queer*, provocam fissuras que permitem a invenção de outras espacialidades.

Outro dia, precisei sair de casa para resolver um problema em um edifício que se localiza no bairro Moinhos de Vento. Este meu corpo *gay* já havia passado por aquele território. Para evitar algumas situações e passar despercebido, performava nas linhas da heteronormatividade. Por mais que tivesse conhecimento de que é um bairro com traços de LGBT *friendly*, compreendia que essa marca ali foi assumida muito mais por uma lógica de mercado neoliberal, pelo poder de consumo das *gays*, do que por um acolhimento dessa população. Logo vinha à cabeça a frase: “até pode ser *gay*, mas não dá pinta”.

Naquele dia, meu corpo estaria acompanhado de outro corpo *gay*. Meu namorado e eu, como de costume, ao passarmos pelo portão do nosso edifício, entrelaçamos os dedos e seguimos de mãos dadas. Nosso trajeto era sair do bairro

9 Em Porto Alegre, coexistem importantes coletivos que dão suporte à luta pela liberdade sexual e de gênero, dentre esses destacam-se o Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS - GAPA, NUANCES - Grupo Pela Livre Expressão Sexual, SOMOS - comunicação, saúde e sexualidade, Liga Brasileira de Lésbicas - LBL, ONG Igualdade RS - Associação de Travestis e Transexuais do RS.

10 <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2018/10/10/jovem-e-agredida-e-marcada-com-camivete-por-vestir-camiseta-com-ele-nao-em-porto-alegre.ghtml>; · <https://acervo.racismoambiental.net.br/2013/05/02/jovem-vitima-de-homofobia-e-espantado-por-grupo-em-porto-alegre/>; · <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/pol%C3%ADcia/homem-%C3%ADtima-de-suposto-crime-de-homofobia-no-bairro-cidade-baixa-1.131260>; · <https://revistaloda.com.br/2016/09/noticias/grupo-homens-ataca-militantes-gays-em-tradicional-bar-porto-alegre/>.

11 <https://www.cursoderedacao.net/artigo/transfobia-no-brasil-705#:~:text=Cantora%20transexual%20sofre%20agress%C3%A3o%20homof%C3%B3nica%20em%20Porto%20Alegre,da%20Rep%C3%BAblica%2C%20bairro%20Cidade%20Baixa%2C%20em%20Porto%20Alegre.>

Floresta, pegar a avenida Independência até chegar na rua 24 de Outubro. Saímos então do chamado 4º distrito, uma antiga região industrial da cidade de Porto Alegre, composta por vários bairros localizados na entrada da cidade. Trata-se de uma região que tem recebido investidas da especulação imobiliária, com a anuência do poder público, com propostas denominadas de revitalização, que pouco ou nada dialogam com a vida de milhares de pessoas que efetivamente residem ali. Logo, essa região, desinvestida por sucessivas gestões, sem acolher propostas sugeridas pelas suas próprias comunidades, produziu um cenário de vulnerabilização e precarização, configurando essa área da cidade como marginalizada. Nossos corpos se deslocavam de um território considerado abandonado, atravessado pelo suposto perigo de assaltos, para entrar em bairros de classe média alta, o que para nós representava acessar outros riscos e violências.

Ao entrarmos na rua 24 de Outubro, algumas sinalizações já nos dão indícios de que nossos corpos não são mais tão bem-vindos. As mãos entrelaçadas de dois homens chamam a atenção dos olhares que nos atravessam e constroem. Por mais que tentemos, é difícil nos habituarmos às senhorinhas nos olhando feio, com as cabeças balançando em sinal de reprovação, com as mães que puxam seus filhos do caminho, imagino que torcendo para que não vejam a cena abominável de dois homens caminhando de mãos dadas. Entramos no edifício e depois de alguns minutos voltamos à rua, tínhamos que atravessá-la para continuarmos nosso caminho. Ao abrir o sinal para os carros, passou um caminhão de dentro do qual um homem gritou: “Cuidado com o Bolsonaro!”. Nos assustamos... sabíamos que o aviso era para nós. O caminhão acelerou e foi embora. Mesmo com o coração disparado e as mãos suadas, demos risadas e eu disse: “*O que esperar de um bairro que tem tantas bandeiras do Brasil?*”. O bairro Moinhos de Vento é muito conhecido por ser um bairro onde moram pessoas com alto poder aquisitivo e por ser local de manifestações da extrema direita. Eu sabia o que aquela frase queria dizer, a ameaça que ela continha, a de que tínhamos que estar a todo momento performando uma heteronorma. Nossas mãos continuavam unidas e, depois do grito, se seguravam com mais força.

Disse ao meu namorado que gostaria de ir garimpar vinis em uma loja. Esta se encontrava no 4º distrito, no bairro São Geraldo. Descemos então para a avenida Farrapos e fomos até a loja, garimpamos nossos vinis. Saímos felizes com as aquisições. Háviamos esquecido da violência sofrida minutos antes. Seguimos pela av. Farrapos para chegar em casa. No caminho, como já estava anoitecendo, encontramos nas esquinas algumas mulheres *trans*, garotas de programa, que chegavam em seus postos de trabalho. Ao passarmos por duas delas que conversavam enquanto fumavam seus cigarros, elas olharam pra gente e falaram algo entre si. Ao chegarmos perto, uma delas diz: “*Que casal lindo!!!*”. Enquanto a outra fala, “*Ahazzaram viados!*”. Sorrimos entre a gente. Meu namorado, em sinal de aliança, responde que elas estavam igualmente lindas.

Parece que a violência contra o corpo dissidente é uma tentativa de restituir a norma. Mal sabem eles que nossos corpos criam imunidades. Diferente desses corpos fechados que se cercam com grades e muros, nossos corpos estão abertos, expostos, vulneráveis: resistiremos ao que quer que entre por nossas feridas, sem nos fecharmos. Tento fugir das doenças autoimunes, como aquelas das quais nos fala Esposito (2012). Não quero fechar minha pele, estreitar minhas fronteiras, exterminar o outro e a mim. Mas me proteger é necessário: com os iguais, semelhantes e diferentes, então, faço minhas alianças.

Por mais que o 4º distrito seja conhecido por sua marginalização, nossos corpos *gays* se sentem bem mais seguros ali do que no bairro de “alta classe”. Fazer da cidade *queer* não é, no entanto, um movimento de multiplicação dos guetos LGBTQIA+. Ao contrário, trata-se de um exercício de contágio, de promoção da diversidade, das misturas, de rupturas com as fronteiras invisíveis que delinham os territórios urbanos. No entanto, são essas alianças constituídas pelas esquinas que nos dão coragem para permanecermos abertos ao encontro com o outro nos territórios que ainda precisamos profanar, para que possamos restituir, àqueles que por muitos anos tiveram este acesso negado, o simples direito de andar pelas ruas de acordo com nosso gênero ao lado de nossos parceiros. Um dos textos daquela feminista norte-americana, me convocou a pensar sobre as alianças entre os diferentes corpos e a ação política de reivindicação nas ruas. Para a pensadora, as lutas mobilizadas pelo movimento *queer* são pela garantia de uma pluralidade de direitos, a serem expandidos para todos os corpos, por isso a necessidade de estabelecimento de alianças, visto que: “o seu objetivo é se opor às forças e aos regimes militares, disciplinadores e reguladores que nos exporiam à condição precária” (Butler, 2019, pp. 75-76). As ruas e praças, recorrentes espaços de expressão do encontro de corpos para manifestações políticas, não apenas são o suporte material para o exercício de tal ação, como também estão em disputa, considerando que o espaço público não está dado (Butler, 2019).

Certa vez, li uma outra feminista, esta guatemalteca, que dizia que se é sobre nossos corpos que se inscrevem as mais diversas formas de violência e de opressão, é também por meio deles que podemos produzir práticas revolucionárias (Cabnal, 2018). É a insubordinação a esse traçado urbano planejado de forma fragmentária e higienista, “são as apropriações e improvisações dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado, ou seja, são essas experiências do espaço pelos habitantes, passantes ou errantes que reinventam esses espaços em seu cotidiano.” (Jacques, 2008, p. 2).

Certa vez, Silva (2013) disse que, com o crescimento e a privatização das grandes cidades, a rua é desprezada. Deixa de ser espaço de encontro para ter uma função de puro deslocamento, “deslocamento esse que não tira ninguém do lugar” (p. 121). Por aqui, é na rua que nos encontramos, espaço de união e de

combate. A cidade *queer* que compartilho é estranha àquela cidade hegemônica. Com a reapropriação de nossos próprios corpos, não mais submetidos à norma (de como andar, viver, habitar), reapropriamos também essa cidade. Não aceito a ficção da heteronorma sobre meu corpo – e não aceitarei sobre o corpo-cidade. E não digo corpo-cidade à toa: longe de ser uma cidade fria, do *master plan*, dos planejamentos arquitetônicos de grande escala, da gestão voltada ao mercado; é uma cidade quente, que respira, que tem circulação. Inala e exala luta, bombeia revolução.

Para manter o corpo e a cidade vivos, nos aliamos. Afinal,

ocupar a cidade como espaço público e acessá-la em sua totalidade significa a ultrapassagem de um ato meramente pessoal/individual para um processo político, coletivo e de resistência às formas discriminatórias e ao complexo universo da desigualdade social, que produz e legitima lugares para determinados indivíduos; que obstaculiza a diversidade humana e que naturaliza a exploração do trabalho e as práticas de dominação ideológica e cultural. (Silva & Santos, 2015, p. 507)

Um dia desses, uma amiga compartilhou um registro fotográfico que fez ao caminhar pelas ruas do bairro em que mora. A imagem mostra duas janelas de um prédio residencial. Em uma, no vidro está estampada a bandeira do arco-íris, símbolo do movimento LGBTQAI+. No vidro da janela abaixo desta, estava presa uma bandeira do Brasil, atual símbolo dos apoiadores do governo de extrema direita de Bolsonaro. A imagem demonstra que os territórios estão em disputa. Uma disputa entre a expansão da multiplicidade de existências e o aprisionamento e a morte de corpos que rompem com os tratados da heteronormatividade. Se a rua é o lugar do encontro, dos esbarrões, dos olhares, do medo e da festa, nossa aposta é de que ela também pode ser o lugar de construção. Construção de alianças, lutas e produção de vida.

## REFERÊNCIAS

- Butler, J.** (2017). *Conferência Magna com Judith Butler: I Seminário Queer* [Vídeo]. <https://www.youtube.com/watch?v=TNXxR-sOVjSY>
- \_\_\_\_\_. (2019). *Corpos em Aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia* (3a ed.). Civilização Brasileira.
- Cabnal, L.** (2018). Defender o território-terra e não defender o território-corpo das mulheres é uma incoerência política. In I. Moura & M. Praça (Orgs.), *Outras economias: alternativas ao capitalismo e ao atual modelo de desenvolvimento* (pp. 23-29). Instituto PACS.
- Carneiro, G. C. & Paraíso, M. A.** (2017). Presença permeável com Ed. Marte: performance queer e desterritorializações de gênero no currículo da cidade. In *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress*, Florianópolis/SC. [https://www.academia.edu/37103825/PRESEN%C3%87A\\_PERME%C3%81VEL\\_COM\\_ED\\_MARTE\\_PERFORMANCE\\_QUEER\\_E\\_DESTERRITORIALIZA%C3%87%C3%95ES\\_DE\\_G%C3%8ANERO\\_NO\\_CURR%C3%8DCULO\\_DA\\_CIDADE](https://www.academia.edu/37103825/PRESEN%C3%87A_PERME%C3%81VEL_COM_ED_MARTE_PERFORMANCE_QUEER_E_DESTERRITORIALIZA%C3%87%C3%95ES_DE_G%C3%8ANERO_NO_CURR%C3%8DCULO_DA_CIDADE)
- Deleuze, G.** (2017). *Espinosa e o problema da expressão*. Editora 34.
- Esposito, R.** (2012). Imunidade, comunidade, biopolítica. *Las Torres de Lucca*, 1, 101-114.
- Foucault, M.** (2013). *O corpo utópico, as heterotopias*. N-1 Edições.
- Gago, V.** (2020). *A potência feminista ou o desejo de transformar tudo*. Elefante.
- Galuppo, A. N.** (2019). *Cidade queer: uma autobiografia plural* [Dissertação de Mestrado, Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG].
- Grupo Gay da Bahia (GGB).** (Org.). (2016). *Assassinatos de LGBT no Brasil: Relatório 2015*. Autor. <http://pt.calameo.com/read/0046502188e8a65b8c3e2>.
- \_\_\_\_\_. (Org.). (2021). *Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil - 2020*: Editora Acontece Arte e Política LGBTI+. <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2021/05/observatorio-de-mortes-violentas-de-lgbti-no-brasil-relatorio-2020.-acontece-lgbti-e-ggb.pdf>
- Jacques, P. B.** (2008). Corpografias urbanas. *Arquitextos*. <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>.
- Miranda, E. O.** (2020). *Corpo-território & educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência*. EDUFBA.
- Moraes, C., Ribeiro, C., Araújo, C., Garcia, D., Barbosa, P., Moraes, B., Duarte, B., & Aviz, T.** (2021). Cidade armário: corpos, sexualidade e subversão. In M. F. F. Silva (Org.), *Políticas públicas e mobilidade urbana: uma compreensão científica da atualidade* (pp. 107-117). Editora Científica. <https://dx.doi.org/10.37885/201202415>.
- Preciado, P.** (2018, 12 de abril). QUEER: história de uma palavra (L. Morando, trad.). *Resista! Observatório de resistências plurais*. <https://resistaorp.blog/2018/04/12/queer-historia-de-uma-palavra/>. (Trabalho original publicado em 2009)
- Silva, A. L. & Santos, S. M.** (2015). “O sol não nasce para todos”: uma análise do direito à cidade para os segmentos LGBT. *SER Social*, 17(37), 498-516. [https://doi.org/10.26512/ser\\_social.v17i37.14259](https://doi.org/10.26512/ser_social.v17i37.14259)
- Silva, R. L.** (2013). Direito à Cidade. In A. M. C. Ximenes, C. Reis, & R. W. Oliveira (Orgs.), *Entre Garantia de Direitos e Práticas Libertárias* (pp. 109-122). Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul.

**Wareham, J.** (2019, 18 de novembro).  
Murdered, Hanged and Lynched: 331  
Trans People Killed This Year. *Revista  
Forbes*. [https://www.forbes.com/sites/  
jamiewareham/2019/11/18/murdered-han-  
ged-and-lynched-331-trans-people-killed-  
-this-year/?sh=492b1e3a2d48](https://www.forbes.com/sites/jamiewareham/2019/11/18/murdered-hanged-and-lynched-331-trans-people-killed-this-year/?sh=492b1e3a2d48).